

Leitura e a construção de significados na escola: relato de uma experiência pedagógica

RESUMO

A produção deste artigo visa descrever uma experiência pedagógica baseada na leitura significativa de textos literários e refletir sobre os resultados obtidos. A aplicação ocorreu em uma turma de nono ano do Ensino Fundamental de um colégio público em Marechal Cândido Rondon (PR). Por meio dessa prática, pretende-se contribuir para o processo de ensinoaprendizagem da leitura visando a formação da criticidade dos estudantes por meio da extrapolação dos sentidos metafóricos expressos nos textos, expandindo-os para situações concretas do cotidiano retratadas em questões políticas, econômicas, sociais e culturais. A metodologia utilizada é a da pesquisa ação a fim de verificar como a mediação pedagógica, por meio da leitura, pode contribuir para o letramento social dos estudantes. Essa atividade faz parte da implementação do projeto pedagógico do Mestrado Profissional em Letras e situa-se no campo metodológico da Linguística Aplicada, aliada com os postulados teóricos descritos por Rojo (2012), Antunes (2013), Garcez (2012), Bortoni-Ricardo (2010), Bakhtin/Volochinov (2010), Geraldi (2015) e Riolfi (2014).

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Prática. Letramento. Mediação pedagógica.

Doris Regina Mieth Dal Magro

dorisdalmagro@hotmail.com
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, Paraná, Brasil.

Rita Maria Decarli Bottega

ribottega@uol.com.br
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, Paraná, Brasil.

INTRODUÇÃO

A leitura é uma condição básica para a formação da cidadania e da identidade cultural. Ler e compreender um texto, uma imagem, um poema, entre outras formas de manifestação da linguagem é fator determinante para que uma pessoa possa estar inserida no mundo com independência e capacidade para compreender a sociedade em suas imbricadas relações, para que consiga desenvolver suas habilidades comunicativas, além de ampliar o seu conhecimento sobre assuntos relevantes para sua vida pessoal e profissional.

Colocada a importância da leitura no desenvolvimento cognitivo, precisamos refletir sobre as possibilidades do ensino da leitura oferecida aos estudantes brasileiros, especialmente os de escola pública, no sentido de pensar em ações pedagógicas que resultem na formação de leitores proficientes. Mencionamos os estudantes públicos porque são estes que, em grande parte, não possuem livros e materiais diferentes daqueles disponibilizados pela escola e, com isso, têm as suas possibilidades de letramento restritas àquelas oferecidas pelos professores e instituições de ensino. Em um mundo com relações cada vez mais dinâmicas e fluídas, saber ler com aptidão é imprescindível para interagir, debater, refletir e se posicionar diante das diferentes circunstâncias que são postas no cotidiano de todas as pessoas.

Essas ações são urgentes em face dos números alarmantes que colocam o Brasil em posições constrangedoras nos exames internacionais de leitura. As avaliações internas também não são nada promissoras. A divulgação dos resultados da última Avaliação Nacional de Alfabetização (ANA), realizada nas escolas públicas em 2016, mostra que 55% das crianças brasileiras não apresentam um índice de leitura considerado suficiente. Ou seja, mais da metade das crianças brasileiras no terceiro ano do Ensino Fundamental não conseguem localizar uma informação explícita no texto. Infelizmente, esses dados produzem manchetes apenas no momento da sua divulgação.

A educação e suas urgentes necessidades perdem importância diante de diferentes crises (econômicas, políticas, culturais, entre outras), em um total desacordo com os discursos de preocupação com o desenvolvimento do país proferido pelas autoridades públicas. Uma nação que não consegue ensinar as suas crianças a ler com eficiência dificilmente encontrará uma solução positiva para os seus problemas, pois deixa de incluir uma parcela considerável da sua população na busca de alternativas e na formação de profissionais que possam contribuir na formação da sua coletividade.

A esse respeito, Rojo (2002, p.1) já apontava que a escolarização, no Brasil, “não leva à formação de leitores e produtores de textos proficientes e eficazes e, às vezes, chega mesmo a impedi-la. Ler continua sendo coisa das elites, no início de um novo milênio”. Pouco mais de uma década se passou e a situação continua a mesma, sem perspectivas de mudanças significativas. Uma alternativa possível são os esforços de escolas e professores que, mesmo contra todas as dificuldades, procuram desempenhar as atividades pedagógicas de forma séria e comprometida com a formação dos jovens estudantes. Assim, esse artigo pretende mostrar uma prática possível e exitosa de leitura na sala de aula. Fazemos, de início, uma exposição dos postulados teóricos sobre leitura e letramento com os quais

concordamos e que estão inseridos no campo metodológico da Linguística Aplicada. Em seguida, apresentamos o relato da experiência com os resultados da leitura ressignificados pelos estudantes.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Aprender a ler é um dos primeiros objetivos do ensino. Desde os primeiros anos de escolarização as crianças são colocadas em contato com diferentes gêneros discursivos para compreenderem o seu significado. A leitura possibilita a compreensão da linguagem em suas variadas nuances, ao lermos percebemos as estruturas e os procedimentos estilísticos da escrita. Garcez afirma que

a leitura é um processo complexo e abrangente de decodificação de signos e de compreensão e inteligência do mundo que faz rigorosas exigências ao cérebro, à memória e à emoção. Lida com a capacidade simbólica e com a habilidade de interação mediada pela palavra. É um trabalho que envolve signos, frases, sentenças, argumentos, provas formais e informais, objetivos, intenções, ações e motivações. Envolve especificamente elementos da linguagem, mas também os da experiência de vida dos indivíduos. (GARCEZ, 2012, p. 23)

A aprendizagem é um processo. Tem início em uma determinada fase da vida e precisa ser desenvolvida ao longo dos anos escolares para que o aluno tenha a percepção da sua importância e chegue a um ponto em que se torne um leitor autônomo que busque a leitura para adquirir conhecimentos, novas informações ou pela simples fruição sem a necessidade de um professor para mediar o processo. As atividades com a leitura precisam fazer sentido para os estudantes a fim de que essa experiência cognitiva seja o mais positiva possível e permita que eles construam os seus sentidos para o texto.

Sobre essa questão, Rojo aponta um equívoco nas práticas didáticas de leitura no letramento escolar. De acordo com a autora, as experiências com a leitura na escola desenvolvem apenas uma pequena parte das capacidades envolvidas nas práticas letradas exigidas pela sociedade. Em geral, apenas

[a]quelas que interessam à leitura para o estudo na escola, entendido como um processo de repetir, de revozear falas e textos de autor (idade) – escolar, científica – que devem ser entendidos e memorizados para o que o currículo se cumpra. Isto é feito, em geral, em todas as disciplinas, por meio da leitura de textos lineares e literais, principalmente de localização de informação em textos e de sua repetição ou cópia em respostas de questionários, orais ou escritos. (ROJO, 2012, p.1)

Nessa perspectiva, a leitura que interessa à escola pode não ser àquela da qual o aluno necessita para desenvolver as suas habilidades e despertar a sua autonomia. Atividades leitoras sem vínculo concreto e sem uma mediação pedagógica adequada, tornam-se apenas exercícios de leitura protocolares que cumprem, quando o fazem, a função de ensinar o código escrito, porém não promovem o letramento necessário. A esse respeito, Rojo acrescenta:

Mas ser letrado e ler na vida e na cidadania é muito mais que isso: é escapar da literalidade dos textos e interpretá-los, colocando-os em relação com outros textos e discursos, de maneira situada na realidade social; é discutir com os textos, replicando e avaliando posições e ideologias que constituem seus sentidos: é, enfim, trazer o texto para a vida e colocá-lo em relação com ela. Mais que isso, as práticas de leitura na vida são muito variadas e dependentes de contexto, cada um deles exigindo certas capacidades leitores e não outras. (ROJO, 2012, p. 2)

Essa capacidade de realizar o cotejo entre textos diferentes pode ser ensinada aos estudantes por meio de diferentes estratégias de leitura (SOLÉ, 1998). O importante é tornar o aluno protagonista da aprendizagem, de modo que as suas necessidades é que devem ser as prioridades do processo de ensino. Antunes (2013, p. 193) afirma que novas ideias, concepções, dados diferentes, outras perspectivas, variadas informações sobre os acontecimentos do mundo, da história, dos homens entre outras coisas são acessadas por meio da leitura. Por meio dela somos introduzidos nos diálogos produzidos pela humanidade ao longo dos tempos. Portanto, possibilitar o acesso dos alunos a este universo é uma função primordial da escola. Quando não o fazemos, excluímos crianças e jovens, especialmente os menos favorecidos, da possibilidade de acesso ao conhecimento organizado. A esse respeito, Antunes aponta que

lamentavelmente, até o momento, aprender a ler, ou melhor, ser leitor, tem sido no Brasil prerrogativa das classes mais favorecidas. Quer dizer, os meninos pobres são levados a se convencerem de que “têm dificuldades de aprendizagem” e, portanto, *não nasceram para a leitura*. Tentam por alguns anos; cansam-se e acabam desistindo. Grande parte das pessoas acha isso natural; ou seja, ninguém considera absurda a “coincidência” de apenas os pobres não aprenderem a ler. Ninguém acredita que esse déficit pode ter uma solução pelas quais somos, todos nós, responsáveis. (ANTUNES, 2013, p. 186, grifo dos autores)

Essa constatação sobre as dificuldades do ensino da leitura deveria provocar reações imediatas em todos os segmentos. Afinal, uma criança que aparentemente “desiste” de aprender a ler, que não tem os estímulos adequados seja da família ou da escola, dificilmente conseguirá, no futuro, ter acesso a novas possibilidades de aprendizagem, uma vez que a vida adulta traz responsabilidades como o trabalho e não haverá tempo disponível para uma nova busca de aprendizado. Isso representa um desperdício de potencialidades. Estamos perdendo gerações talentosas em função de um ensino que, na prática, não tem feito a diferença na vida de muitos meninos e meninas pelo país. Suassuna, em meados da década de 90, apontava que a maneira como a escola encaminha a leitura não cumpre suas funções mais fundamentais. “Nem mesmo a lúdica, posto que leitura imposta, “para nota”, com objetivos previamente traçados mata qualquer tipo de prazer que o desvelamento do texto escrito pudesse causar” (SUASSUNA, 1995, p. 51). É trágico perceber, após mais de duas décadas, que a situação ainda não tenha melhorado.

A escola precisa assumir essa responsabilidade, pois em um país como o Brasil, poucas famílias talvez consigam despertar o interesse da criança pela leitura. Fatores econômicos e culturais afastam a grande maioria dos brasileiros

dos livros. Esse fato aumenta a responsabilidade da escola e, conseqüentemente, do professor na formação de leitores, que de acordo com Solé (1998, p. 72) precisam ser autônomos e capazes de ler e aprender através dos textos. Desta forma:

A quem compete desenvolver esse fascínio, essa sedução? A quem compete desenvolver o gosto pela busca da informação que está nos livros? A quem compete despertar o interesse pelas particularidades da escrita? A escola, certamente. Formar leitores, desenvolver competências em leitura e escrita é uma tarefa que a escola tem que priorizar e não pode sequer protelar. (ANTUNES, 2013, p. 201)

Falar em escola remete ao professor que é o agente direto responsável pelo letramento dos estudantes e no incentivo à prática de leitura o que contribui diretamente na inserção social desses estudantes. Essa dificuldade na política de leitura torna evidente o papel do professor como leitor. Assim:

Se a relação do professor com o texto não tiver um significado, se ele não for um bom leitor, são grandes as chances de que seja um mau professor. E, à semelhança do que ocorre com ele, são igualmente grandes os riscos de que o texto não apresente significado nenhum para os alunos, mesmo que eles respondam satisfatoriamente a todas as questões propostas. O primeiro requisito, portanto, para que o contato aluno/texto seja o menos doloroso possível é que o mestre não seja um mau leitor, que goste de ler e pratique a leitura. (LAJOLO, 1985, p.53-54)

O professor precisa ser leitor, um motivador que conheça os textos e possa explorar todas as suas nuances e demonstrar isso para os estudantes, para que eles compreendam como funciona o processo da aquisição leitora. Além disso, o professor pode ressignificar a abordagem trazida por meio da leitura e incentivar os alunos a fazerem isso também, trazendo esses sentidos para a realidade social próxima aos estudantes de forma que reconheçam o seu papel social enquanto sujeitos que podem fazer a diferença no seu ambiente. Essa promoção da leitura não pode ficar somente a cargo dos professores de Língua Portuguesa. Afinal, a leitura perpassa por todas as disciplinas do conhecimento e professores, independentemente da área em que atuam, são promotores de letramento. Desse modo:

Ler e escrever são tarefas da escola, questões para todas áreas, uma vez que são habilidades indispensáveis para a formação de um estudante, que é responsabilidade da escola. Ensinar é dar condições ao aluno para que ele se aproprie do conhecimento historicamente construído e se insira nessa construção como produtor do conhecimento. Ensinar é ensinar a ler para que o aluno se torne capaz dessa apropriação, pois o conhecimento acumulado está escrito em livros, revistas, jornais, relatórios arquivos. (GUEDES, 2011, p. 19)

As especificidades de cada área do conhecimento podem ser ensinadas pelo respectivo professor. O docente em Química ensina o aluno a ler os seus enunciados, o de História e Geografia, também. Assim, a escola, compreendida como todos os professores, assume o ensino de leitura como prerrogativa. Bortoni-Ricardo (2010, p. 52) expressa o mesmo ponto de vista ao afirmar que

“todo professor deve ser professor de leitura, visto que ler faz parte da aprendizagem, devendo, por isso, fazer parte de todas as atividades.” A autora acrescenta:

No mundo em que estamos inseridos, que se encontra em constante transformação, é necessário um modelo dinâmico de aprendizagem, que possa ser capaz de contemplar não só o conhecimento, mas também a sua aplicação na vida real. Com base nesse novo contexto, constata-se que é imprescindível que a leitura esteja no centro das atividades pedagógicas. Dessa forma, a leitura, por integrar saberes e contribuir para a construção de novos saberes, tem um papel importante na escola dentro desse novo contexto (BORTONI-RICARDO, 2010, p. 52).

Essas transformações do mundo, implicam necessariamente em novas ações pedagógicas. Rever concepções e metodologias é fundamental para o sucesso da aprendizagem. Enquanto professores, não podemos ficar parados no tempo ou retidos em metodologias passadas. Nossos alunos são, em boa parte, nativos digitais e navegam nesse mundo de informações com muita desenvoltura. Um paradoxo desses novos tempos é o fato de os estudantes ao mesmo tempo em que possuem um amplo acesso às informações, não conseguem aprofundar os seus conhecimentos, pois não possuem competência leitora para isso. Mais do que nunca os professores podem auxiliar os alunos a desenvolverem essa habilidade.

Com relação às concepções de leitura, todos os professores podem procurar conhecê-las para compreenderem qual delas está subjacente nos materiais pedagógicos das suas disciplinas. Um conhecimento necessário para poder selecionar, excluir ou alterar as questões dos estudos de texto previamente elaboradas com a finalidade de promover a compreensão efetiva do texto a ser trabalhado. A esse respeito, Kleiman mostra que

a concepção hoje predominante nos estudos de leitura é a de leitura como prática social que, na linguística aplicada, é subsidiada teoricamente pelos estudos do letramento. Nessa perspectiva, os usos da leitura estão ligados à situação; são determinados pelas histórias dos participantes, pelas características da instituição em que se encontram, pelo grau de formalidade ou informalidade da situação, pelo objetivo da atividade de leitura, diferindo segundo o grupo social. Tudo isso realça a diferença e multiplicidade dos discursos que envolvem e constituem os sujeitos que determinam esses diferentes modos de ler. (KLEIMAN, 2004, p. 14)

Com isso, a leitura entendida como prática social permite trazer o estudante para a realidade das palavras, que passam a ser mais do que uma disposição gráfica em um papel, adquirem um objetivo, um entendimento que pode ser aplicado na realidade social de cada aluno que se torna, deste modo, um sujeito do processo de ensino. Essa noção encontra respaldo nos postulados por Bakhtin (2003, p. 271) que indica que ao lermos e compreendermos um discurso adotamos uma atitude responsiva diante dele; concordamos, discordamos (completa ou parcialmente), completamos, adaptamos e tornamos a linguagem um instrumento ativo de interação verbal entre as pessoas. Sobre isso, Bakhtin e Volochinov (2014) afirmam:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da *enunciação ou das enunciações*. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2014, p. 127, grifo dos autores)

A linguagem assume a sua natureza de intermediar as relações sociais dos seus usuários. Neste viés, a leitura pode ser muito mais do que uma função protocolar de decodificar palavras escritas. Pode ser um andaime no qual o estudante se apegue para adquirir conhecimentos do mundo, dos outros e de si mesmo numa constante retomada, reflexão e ressignificação. Geraldi, ao tratar do tema, assinala que a

construção de significados, mudanças de significados, atribuição de sentidos: partem sempre do texto – são trabalhos de leitura. Numa sociedade onde a leitura não é uma prática social, ler na sala de aula para construir possibilidades, construir sentidos, torna-se perigosa subversão. (GERALDI, 2015, p. 112)

Mostrar aos estudantes, por meio de uma prática bem orientada, que a leitura é um componente indispensável para sua formação e autonomia futuras, pode ser uma possibilidade de superar os índices desoladores que apontam o fracasso do ensino da leitura. Mais do que os números, precisamos visualizar os milhares de jovens estudantes que têm suas habilidades e sonhos abortados antes mesmo de poderem criar expectativas sobre eles. Estamos tratando de jovens em formação. Podemos desenvolver nos alunos uma intimidade com os assuntos tratados e mostrados por meio de diferentes gêneros para que eles consigam “perceber a importância da leitura para sua vida pessoal e social, transformando-a num hábito capaz de satisfazer esse gosto e essa necessidade” (GUEDES, 1998, p. 23). De modo que

ao lado dessa atividade de leitura orientada pelo gosto, pelo prazer de atribuir sentido a um texto, cada professor, na aula de sua respectiva área (ou dois ou mais professores em trabalho multidisciplinar), vai promover a leitura de textos que valem a pena ser aprofundados: agora todos vão viver o encantamento da descoberta dos muitos sentidos em um texto decisivo para o conhecimento produzido pela humanidade. Esta leitura de inserção do aluno no universo da cultura letrada desenvolve a habilidade de dialogar com os textos lidos, através da capacidade de ler em profundidade e interpretar textos significativos para a formação da cidadania, cultura e responsabilidade. (GUEDES, 1998, p. 23)

Essa formação que possibilite ao aluno adotar uma postura ativa e responsiva frente aos temas abordados exige responsabilidade. Essa responsabilização pode ser assumida pelos professores, agentes de letramento dos estudantes. Riolfi (2014, p. 9) afirma que “nossa mediação didática precisa, mais do que nunca, ser inovadora, criativa e rigorosa e, portanto, teoricamente fundamentada”, para fazer frente às novas exigências educacionais desses tempos em que tudo parece atrativo para os jovens, exceto a escola. Sobre a questão da mediação, Bortoni-Ricardo comenta que

no momento da leitura, deve-se destacar a importância do professor como mediador dessa atividade. É importante frisar que, na realização da leitura, deve ser dada ao aluno a oportunidade de assumir uma postura ativa diante do texto. Por isso, a função do professor no momento da leitura deve ser a de fornecer instruções para que os próprios leitores cheguem à compreensão dos textos. Os próprios alunos devem selecionar as marcas do texto, formular hipóteses e verificá-las, enfim, construir interpretação. Os alunos devem ser responsáveis pelo desenvolvimento de sua compreensão leitora, mas é imprescindível que o professor assuma o papel de mediador nesse exercício. Todos devem estar envolvidos nas tarefas de leitura: a leitura deve ser compartilhada (BORTONI-RICARDO, 2010, p. 57).

O professor é o mediador do processo. Contudo, o protagonismo precisa ser do aluno a quem devem ser oferecidas todas as possibilidades possíveis para desenvolver os seus potenciais. Essa é uma tarefa do professor que é o adulto formador e necessita construir novas estratégias para lidar com as contemporâneas necessidades educacionais dos alunos. Dessa forma, expostos alguns dos pressupostos teóricos, na próxima seção apresentamos o relato de uma experiência pedagógica com leitura realizada no Ensino Fundamental.

2. A LEITURA EM SALA DE AULA

Este artigo pretende demonstrar uma prática de leitura realizada em uma turma de nono ano do Ensino Fundamental, de um colégio público do campo. Trata-se de uma proposição inserida no projeto de implementação pedagógica do Mestrado Profissional em Letras – Profletras, que foi aplicado durante o ano letivo de 2017 e que se constitui na leitura e no estudo de diversos contos da literatura brasileira.

Koch e Elias (2010, p. 37) afirmam que se “a leitura é uma atividade de construção de sentido que pressupõe a interação autortexto-leitor, é preciso considerar que, nessa atividade, além das pistas e sinalizações que o texto oferece, entram em jogo os conhecimentos do leitor”. Como estamos falando de uma experiência pedagógica em uma escola de Ensino Fundamental, esses leitores estão em formação e essas pistas e sinalizações que os textos apresentam, como no caso dos contos literários, podem variar de aluno para aluno. O relevante na questão é possibilitar o desenvolvimento da leitura com os gêneros literários para ampliar o acervo dos estudantes e possibilitar a eles um repertório de conhecimentos que vão auxiliá-los na construção de sentidos em outras oportunidades.

A escolha pela leitura dos contos se deu em função da literatura retratar diferentes representações sociais e humanas. Acreditamos que esta é uma forma mais tangível para o aluno ampliar a sua experiência pessoal e cultural, além do texto literário permitir articulações com outros campos como a história, a cultura, a economia, a política, entre outros, que possibilitam desdobramentos que levam a refletir a partir do texto, sobre o texto e para além do texto. Sobre a literatura, Antônio Cândido assevera que

a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (CÂNDIDO, 1989, p. 113)

O uso do texto literário na sala de aula possibilita uma evolução positiva na aprendizagem dos estudantes, ampliando seus horizontes de conhecimento e rompendo barreiras de preconceitos e senso comum frente às situações do cotidiano. Cândido, ainda, coloca a literatura como uma necessidade universal, porque possibilita uma visão de mundo que organiza e dá forma aos sentimentos, libertando-nos do caos e nos humanizando (CANDIDO, 1989, p. 122). Essa humanização é cada vez mais necessária para manter o controle emocional das pessoas, em razão dos novos contornos que o mundo vem tomando, com impasses de todo tipo, e uma conseqüente degradação social que perturba a ordem natural das coisas.

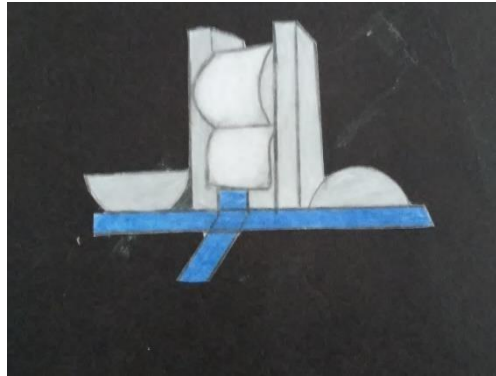
Para este relato, escolhemos dois desses contos: O homem que entrou pelo cano (1976) de Ignácio de Loyola Brandão e Bárbara (1974) de Murilo Rubião. Ressaltamos que antes da leitura, foram trabalhados os elementos composicionais do gênero, tais como: o espaço, o tempo, foco narrativo, personagens, clímax e desfecho.

Antes da leitura inicial do conto O homem que entrou pelo cano solicitamos que os alunos comentassem sobre o que seria um conto fantástico. As respostas foram: “algo bom, muito bom”; “extremo”; “algo doido, bom” e “absurdo, legal e divertido”. Após a leitura, antes do aprofundamento dos sentidos do texto, os estudantes colocaram a sua definição sobre o fantástico, ao que eles responderam: “chama a atenção”; “fantasia”, não real”; “inusitado”; “surpreendente”, “não tem como acontecer”. Pelas respostas, percebemos que os estudantes conseguem formular suas hipóteses de forma satisfatória e, quando não o fazem, essa informação pode servir como diagnóstico aos professores para nortear a sua intervenção pedagógica e mudar sua estratégia de abordagem.

Interessante observar que alguns alunos não conseguiram compreender o sentido de “entrar pelo cano”. Esse fato exige uma mediação do professor, já que um elemento fundamental para a construção do sentido. Assim foi oportunizado para os alunos que tinham compreendido esse sentido a sua manifestação para auxiliar a compreensão dos colegas. Nossas classes de aula são compostas por alunos que possuem diferentes experiências que podem ser manifestadas em momentos como este, a fim de instruir e solidificar uma compreensão ou um conceito. Após a leitura, os alunos responderam a um estudo dirigido do texto com questões de compreensão e interpretação e apontaram os elementos composicionais do gênero em questão. Além disso, uma das questões solicitou que os estudantes refletissem sobre o atual contexto social, político e econômico do país e ilustrassem uma situação atual baseada na sua compreensão do conto. Para tanto, foi permitido o uso dos celulares para que realizassem pesquisas pela internet a fim de re(construírem) suas noções e conceitos.

Apresentamos, na sequência, algumas dessas imagens que ilustram, na visão dos estudantes, como “entramos pelo cano” atualmente.

FIGURA 1



Fonte: Acervo próprio.

FIGURA 2



Fonte: Acervo próprio.

Em uma alusão ao cenário político brasileiro, as figuras acima retratam o Congresso Nacional a partir de uma leitura ressignificada pelos estudantes. Na primeira imagem, a representação de um rolo de papel higiênico representado entre as torres. Na segunda, uma das cúpulas do Congresso retratada em forma de circo. No momento da leitura e da produção da atividade, os noticiários políticos, notadamente na questão da corrupção e desvio de recursos públicos, tomavam as manchetes de todos os meios de imprensa do país.

FIGURA 3



Fonte: Acervo próprio.

O Congresso Nacional novamente representado na figura 3. Desta vez, coberto por nuvens escuras, com raios e grossas gotas representativas dos juros, impostos, inflação e pobreza, enquanto de torneira vazava dinheiro sobre uma das cúpulas.

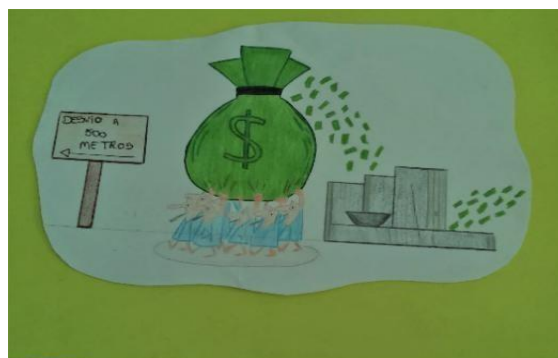
Novamente o cenário político, notadamente Brasília, fez-se perceber na resignificação da leitura efetuada pelos estudantes. A crise ética e moral na condução dos agentes públicos eleitos para representar o povo e seus interesses, parece estar no radar dos jovens estudantes.

FIGURA 4



Fonte: Acervo próprio.

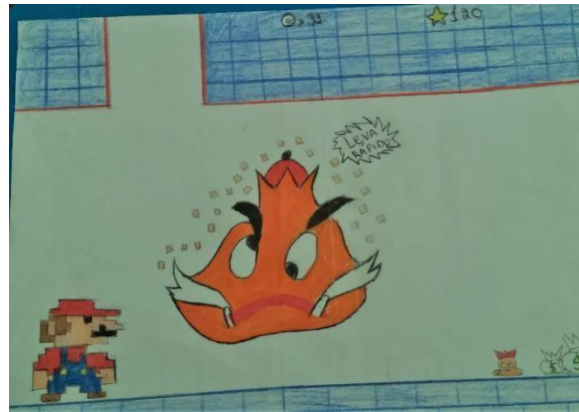
FIGURA 5



Fonte: Acervo próprio.

A corrupção também é o tema da resignificação da leitura realizada por meio da figura 4. Desta vez, o cenário é o próprio país coberto pela lama da corrupção, sem condições de avançar, como que imobilizado pela sujeira. Na figura 5, Brasília foi novamente utilizada para a construção de sentidos pelos estudantes. Contudo, dessa vez, o Congresso Nacional ficou em segundo plano, já que a imagem evidencia o desvio de recursos promovido por muitas pessoas que se distanciam do parlamento em uma direção supostamente contrária aos interesses do povo e do país.

FIGURA 6



Fonte: Acervo próprio.

A figura 6, por sua vez, traz uma outra forma de entrar pelo cano. Do universo dos games, a figura do Super Mario, entra em um túnel e precisa combater um dos inimigos que acumula recursos, desenhados no canto inferior direito. No jogo é questão de sobrevivência derrotar o inimigo.

Percebemos, com esta atividade que os alunos conseguiram, por meio da mediação pedagógica, reconstruir os sentidos do conto lido. A maioria das ressignificações girou em torno do mesmo tema, pois as notícias de corrupção, desvio de verbas, malas clandestinas e outras farras com dinheiro público faziam parte do cotidiano dos noticiários e pareciam emperrar uma agenda positiva para o país. Sendo assim, os estudantes compreendem que esses assuntos afetam a eles diretamente, pois a corrupção retira dinheiro da educação, da saúde pública, da segurança, da pavimentação das rodovias, dos incentivos agrícolas, entre tantos outros fatores que influenciam direta ou indiretamente as suas famílias.

A segunda experiência a ser relatada é com a leitura do conto Bárbara, de Murilo Rubião. Além da temática ser completamente distinta do anterior, o conto é mais extenso e trabalha o relacionamento entre um homem e uma mulher. Antes da leitura, como estratégia de antecipação, levamos para sala uma caixa de presente. Solicitamos que os alunos arriscassem uma sugestão sobre o conteúdo dos embrulhos. Vários foram os palpites: canetas, história, gliter, livros, entre outros. Abrimos a caixa e retiramos sete pequenos embrulhos que foram distribuídos para sete estudantes. Dentro dos embrulhos o nome das coisas que Bárbara pediu que o marido providenciasse: estrela, oceano, surra, frutas sem sabor, baobá, ninho de passarinho e navio.

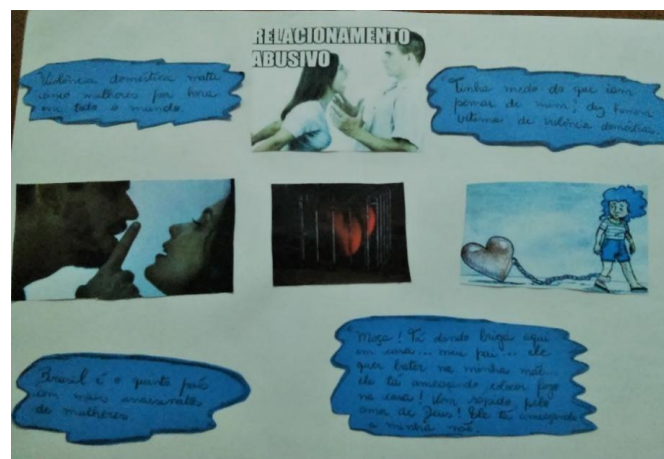
Como os alunos não conheciam o teor do conto, questionamos qual era a opinião deles sobre esses presentes. A estrela e o oceano foram considerados bacanas, poéticos e improváveis. O navio também foi interessante. Ninguém quis as frutas sem sabor, o baobá, quando souberam o que era, e muito menos a surra. O ninho de passarinho é algo comum no cotidiano dos estudantes, filhos de agricultores e que residem na zona rural. Concluída essa parte antecipatória, os alunos realizaram a leitura individual do conto. Providenciamos dicionários para que os alunos pudessem consultar qualquer palavra desconhecida. Passamos, depois, para uma leitura expositiva. À medida em que o conto era lido, os alunos chamaram logo a atenção para o fato de Bárbara ser muito gorda, além do normal, gigantesca e de só pedir coisas difíceis e impossíveis.

Após a leitura, solicitamos que os alunos caracterizassem Bárbara e o marido. Para ela surgiram as seguintes considerações: “gorda”, “obesa”, “mimada”, “excêntrica”, “ambiciosa”, “fria”, “gostava mais de coisas que da família”. Já para o marido: “trouxa”, “bobo”, “bocó”, “pau mandado”, “amava a mulher”. A partir dessas considerações passamos ao estudo do texto do conto, durante o qual os alunos refletiram, entre outras questões, sobre o relacionamento abusivo e doentio de Bárbara e o marido, além do total descaso com a criança, filho dos dois. Para essa etapa, preparamos diversas perguntas que foram organizadas em envelopes diferentes. Desta forma, cada aluno analisou, refletiu, respondeu e compartilhou as suas questões com a classe que concordava ou discordava dos posicionamentos. Um ponto que deixou a turma dividida e acreditamos que vale a pena relatar foi o desfecho do conto. Uma das questões foi elaborada de forma a permitir uma nova possibilidade para o casal, uma vez que Bárbara pediu algo diferente do que o marido esperava. Uma outra questão afirmava que não havia mais jeito para Bárbara e conseqüentemente para o casal. Parte dos alunos defendeu que o relacionamento tinha acabado, enquanto a outra parte vislumbrou uma possibilidade de reconciliação e de felicidade para eles e para o filho.

Comentamos que essa divergência é normal e necessária. Precisamos ouvir, compreender e, se for o caso, rebater os argumentos. Afinal pessoas têm posicionamentos, sentimentos e opiniões diferentes e podemos olhar para as situações de diversos ângulos. Um texto literário como esse conto, permite que os estudantes compreendam em que consiste um relacionamento abusivo e os sensibilize para o sofrimento alheio. Para refletir sobre essa questão dos relacionamentos humanos em suas diferentes perspectivas, refletimos sobre o sentido da palavra “bárbara”, o contrário de civilizado, numa estratégia de extrapolação da leitura. Em seguida com o título: “Bárbaras e bárbaros é o que nos tornamos quando ficamos indiferentes às situações dos outros”, os alunos procuraram manchetes de notícias que revelam o abuso nos relacionamentos amorosos, nas agressões contra crianças, contra idosos, o bullying e a violência nas escolas.

Para tanto, os alunos puderam utilizar os seus celulares para a pesquisa dessas notícias e, na seqüência, apresentamos as imagens resultantes desse trabalho de leitura.

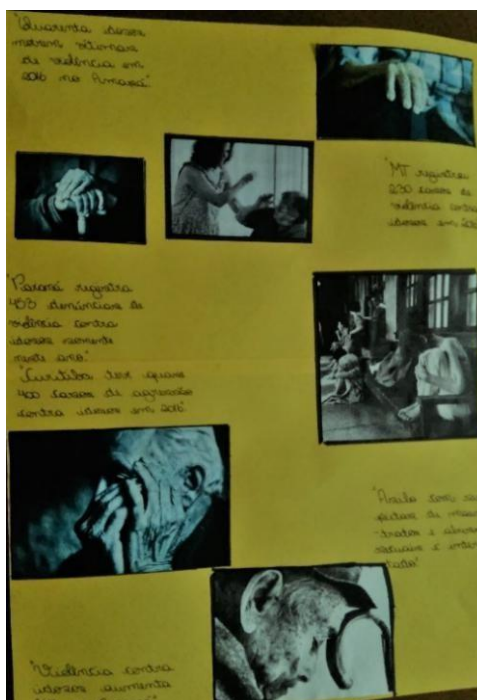
FIGURA 7



Fonte: Acervo próprio.

Na figura 7, os estudantes pesquisaram imagem e manchetes sobre relacionamentos abusivos. As manchetes tratam do abuso físico cometido pelos homens contra as suas parceiras. Uma delas, traz um caso de agressão que o homem sofreu da parceira. Uma relação mais direta com a temática trabalhada no conto, em que o marido sofre com os caprichos e abusos de Bárbara.

FIGURA 8



Fonte: Acervo próprio.

FIGURA 9

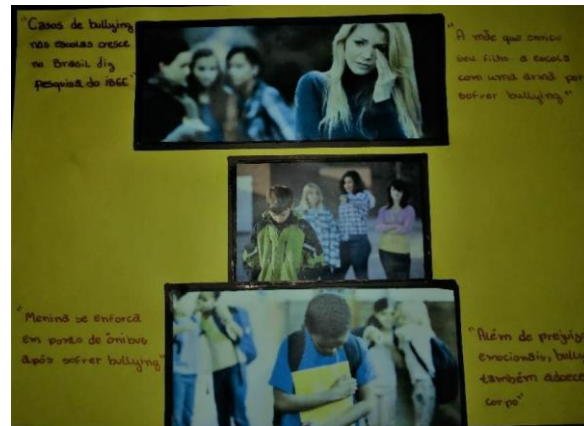


Fonte: Acervo próprio.

A agressão contra os idosos, demonstrada por meio de manchetes e imagens é o tema da figura 9. O abuso e o sofrimento infantil estão retratados na figura 8.

As imagens e manchetes tratam sobre a violência física a que são submetidas as crianças.

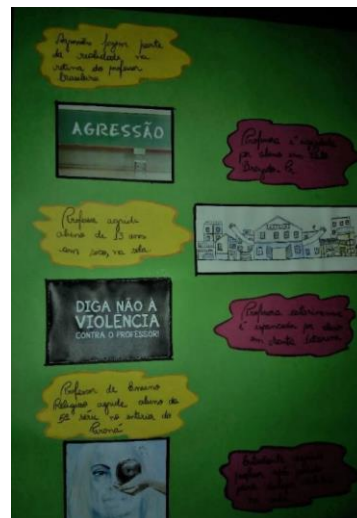
FIGURA 10



Fonte: Acervo próprio.

O bullying e suas manchetes são o tema da ressignificação da figura 10. A construção de significados que permite aos estudantes compreenderem toda a problemática que envolve essa delicada questão.

FIGURA 11



Fonte: Acervo próprio.

Outro aspecto bem próximo da realidade dos estudantes é a questão da violência na escola, abordado na figura 11. Tanto em relação aos professores, quanto aos alunos que também são vítimas de agressões.

A leitura dos contos permitiu aos estudantes refletir sobre os textos, agir sobre eles e construir a sua própria ressignificação. A prática apresentada é uma possibilidade entre tantas outras possíveis.

O importante é fazer da sala de aula um local de aprendizado, no qual a leitura ocupe um local de destaque e auxilie os alunos na construção das suas habilidades e potencialidades. O leitor/aluno traz consigo o seu conhecimento de mundo, as crenças, os seus valores que são a base para as suas ressignificações. Ao professor compete a medição da leitura para que esses significados sejam coerentes e

ultrapassem a zona de conforto em que muitas vezes os leitores aprendizes estabelecem em torno de si.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura do texto literário passa por diferentes caminhos: traz informações, dita regras, apresenta modelos de construção da ética e da moral e demonstram como circulam as ideologias. Demonstra, ainda, o que pode provocar reações no leitor que concorda, discorda, reflete, compreende, comenta sobre o que leu. Não é uma atividade fácil, contudo se faz necessária para auxiliar os nossos estudantes a superarem as suas dificuldades.

As ressignificações efetuadas pelos alunos nas experiências relatadas, apresentam a visão de mundo que eles construíram acerca das temáticas trabalhadas. As discussões que acompanharam as aulas são importantes indícios para compreender como os alunos percebem algumas situações e como lidam com alguns sentimentos. Muitas vezes as percepções apresentadas pelos estudantes são diferentes daquelas experimentadas pelos professores. Todos somos sujeitos inseridos em diferentes contextos e essas diferenças podem ajudar a entender outras visões e nortear o fazer pedagógico.

A questão fundamental é que o trabalho do professor deve estar em constante evolução e sintonia com as necessidades dos estudantes a fim de formar leitores críticos que elaborem significados que ultrapassem a superfície dos textos e permitam que essa leitura competente organize informações e conhecimentos e torne os alunos capazes de interagir plenamente nas diferentes situações de convivência social.

Reading and a construction of meanings in school: report of a pedagogical experience

ABSTRACT

The production of this work aims to describe an official pedagogical experience in significant reading based on literary texts and reflect on the obtained results. Such study was applied in a ninth grade class of Elementary School of a public school in Marechal Cândido Rondon (PR). Through this practice, it is intended to contribute to the teaching-learning process of reading aiming at the formation of criticality of the students through the extrapolation of the metaphorical meanings expressed in the texts, expanding them to concrete situations of daily life presented in political, economic, social and cultural rights. The used methodology is a measure of action, as a pedagogical mediation, through reading, can contribute to the students' social text. This activity is part of the implementation of the pedagogical project of the Professional Master in Literature and it is located in the methodological field of Applied Linguistics, allied with the theoretical postulates by Rojo (2012), Antunes (2013), Garcez (2012), Bortoni-Ricardo (2010), Bakhtin/Volochinov (2010), Geraldi (2015) and Riolfi (2014).

KEYWORDS: Reading. Practice. Literacy. Pedagogical mediation.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino**: outra escola possível. São Paulo: Parábola, 2013.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. 4. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHINOV, V.N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 14 ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Formação do professor como agente letrador**. São Paulo: Contexto, 2010.

CANDIDO, ANTONIO. Direitos Humanos e literatura. In: A.C.R. Fester (Org.) **Direitos Humanos e...** Cjp/Ed. Brasiliense, 1989.

GARCEZ, Lucilia H. do Carmo. **Técnica de redação**: o que é preciso saber para bem escrever. São Paulo; Martins Fontes, 2012.

GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro e João editores, 2015. p. 103-112.

GUEDES, Paulo Coimbra. SOUZA, Jane Mari. Leitura e escrita são tarefas da escola e não só do professor de português. In: NEVES et al (orgs.). **Ler e escrever compromisso de todas as áreas**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

KLEIMAN, Angela. **Abordagens da leitura**. Scripta, Belo Horizonte, vol. 7, nº 14, p.13-22.

KOCH, Ingedore G. Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2010.

LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). **Leitura em crise na escola**: as alternativas metodológicas. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985.

RIOLFI, Claudia et al. In: CARVALHO, Anna Maria Pessoa (Coord.). **Ensino de Língua Portuguesa**. São Paulo: Cengage Learning, 2014.

ROJO, Roxane. Letramento e capacidade de leitura para a cidadania. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção (Orgs). **Leitura e escrita na formação de professores**. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2002.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SUASSUNA, Livia. **Ensino de língua Portuguesa: uma abordagem pragmática**. Campinas: Papirus, 1995.

Recebido: 30 out. 2017

Aprovado: 02 mai. 2018

DOI: 10.3895/rl.v20n29.7258

Como citar: MAGRO, Doris Regina Mieth Dal; BOTTEGA, Rita Maria Decarli. Leitura e a construção de significados na escola: Relato de uma experiência pedagógica. R. Letras, Curitiba, v. 20, n. 29, p. 01-19, jan./jun. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rl>>. Acesso em: XXX.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

